

## VASTO E ÍNTIMO: ARTE CONTEMPORÂNEA NO HORIZONTE POÉTICO DO PAMPA

PATREZI CARVALHO DA SILVA<sup>1</sup>; MARTHA GOMES DE FREITAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) – patrezi@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) – marthagofre@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente texto, orientado dentro do projeto de pesquisa *Estudo sobre a Profundidade*, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Martha Gomes de Freitas, busca estabelecer um horizonte poético a partir de duas obras em artes visuais, *fotoperformances*<sup>1</sup>, realizadas no pampa gaúcho.

Nele estabeleço um diálogo entre meu trabalho *Embanhado* e o trabalho *Inerte* de Paula Krause. Exploro como as percepções do bioma pampa moldam nossos processos criativos nas condições de contato externo e interno, discutindo as interações que emergem desse contexto natural, levantando os pontos da vastidão e da intimidade como elementos comuns para essas obras.

### 2. METODOLOGIA

Ao encarar o bioma pampa não temos como escapar da imagem de um campo na linha da vista que se perde no horizonte, esmaecendo na cerração baixa, intocável. Acima, um céu colossal, tomando quase a totalidade da paisagem, um céu que intimida por evidenciar nossa pequenez diante da vastidão. Esse perfil geográfico é inevitável quando tratamos do pampa e naturalmente será levado em conta nas produções artísticas que o almejam discutir. O vasto é uma vivência significativa para quem dirige-se às planícies gaúchas; essas extensões “infinitas”, num terreno plano de poucas ondulações, que permite uma mesma experiência ainda que se faça um longo deslocamento, nos abraçam em uma relação horizontal que inevitavelmente conduzirá nossas intenções. Porém, a interpretação dessa “fria vastidão de campo e céu” (RAMIL, 2004, p. 22) não se dará apenas pela relação externa com a paisagem, mas também interna, quando o pampa nos conduz a uma postura inerte, passiva, que devora a noção de separatividade com o meio e nos faz íntimo, de fora para alimentar o que temos dentro, como se o pampa fosse guardado em nossa bainha. Nesta intimidade é que nos tornamos um marco referencial dessas pastagens, cativados pelo frio, empurrados pelo vento e observados pelo espaço dilatado do pampa.

Diante desse horizonte poético me posiciono profundamente no pampa, bioma que estabeleço relação afetiva e que me convoca a contribuir para sua permanência, tanto de sua natureza física quanto simbólica e imaginária, e estabelecer, doravante, diálogos que possam ser traduzidos em projetos artísticos contemporâneos. Diante do exposto, busco compreender como o trabalho *Embanhado*, de minha autoria, e a obra de Paula Krause, intitulada *Inerte*, também desenvolvida no pampa<sup>2</sup>, incorporaram tanto uma percepção externa

---

<sup>1</sup> Linguagem artística híbrida que reúne *performance* e fotografia.

<sup>2</sup> Dentro do programa de residência e intercâmbio *Lomba Alta* organizado por André Severo, Grady Gerbracht, Cláudia Vieira e a artista escolhida para este resumo, Paula Krause, ocorrido entre 2007 e 2008.

diante da vastidão geográfica, quanto interna, na íntima relação pessoal com o meio, no caminho de "um vasto fundo na nossa paisagem interior" (Ramil, 2004, p. 19).

Para apoiar a análise da obra de Paula Krause, utilizarei a fala da própria artista em catálogo coordenado pelo também artista André Severo (2008). A fim de discorrer sobre o pampa, irei me valer da *Estética do frio* proposta pelo músico e escritor Vitor Ramil (2004), que trata acerca da relação identitária pampeana e suas especificidades na conciliação com a produção artística, bem como ao conto *O Sul* do escritor Jorge Luis Borges (1999) ao trazer as noções de vasto e íntimo para descrever o bioma sulista.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O escritor argentino Jorge Luis Borges, em um conto chamado *O Sul*, através da apreensão de seu personagem Dahlmann, descreve o pampa da seguinte maneira: "Não turbavam a terra elementar nem povoações, nem outros sinais humanos. Tudo era **vasto**, mas ao mesmo tempo era **íntimo** [...]" (Borges, 1999, p. 91). Essa narrativa de Borges sobre a paisagem *pampeana* destaca assimilações significativas à percepção desse ambiente, onde a vastidão e a intimidade, por vezes entendidas cada uma ao seu lado da cerca, aproximam-se como condições de contato externo e interno. Externo na percepção daquele que se defronta com a vastidão, onde a paisagem se faz enfaticamente presente e nos torna seu observador. Interno naquele que estarecido faz da imensidão plana seu lugar íntimo, o qual a paisagem lhe observa. O vasto entendido na condição exterior e o íntimo na interioridade. E conforme adentramos nos trabalhos em artes visuais que aqui serão examinados, perceberemos o quanto o vasto e o íntimo serão confrontados, processados e devolvidos. Não posso deixar de pontuar aqui que estas duas compreensões se mesclam nas obras, pois as condições de contato externo e interno não podem empiricamente se desvencilhar, e as trato por vezes separadamente por razões de análise.

O primeiro passo para desenvolver meu trabalho, que descreverei a seguir (Figura 1), foi deslocar-me a uma região de campos litorâneos da Lagoa dos Patos em Pelotas, sul do Rio Grande do Sul, rodeada de banhados, charcos e alguns pontos de campo seco. Um amplo horizonte de pastagens revestido de céu com "grandes nuvens luminosas que pareciam de mármore". (Borges, 1999, p. 91). Nesse espaço vasto uma peculiar e solitária corticeira-do-banhado (*Erythrina crista-galli*), árvore símbolo das regiões úmidas do pampa, destoa da linha reta ao fundo. Essa corticeira, com seu tronco e galhos curvados para um dos lados, devido a ação, quase punitiva, do vento que ali permanece, forma um "arco" inacabado. Ao me aproximar dessa árvore não fiz mais do que me colocar como um pilar faltante, completando o desenho esboçado na paisagem, sendo a linha que necessitava para a integridade da forma arqueada. Esse corpo se coloca nú, despido das condições culturais que moldam os sinais humanos, um corpo desarmado e desprotegido, pois nada ali é ameaça. Para fixar o corpo na corticeira, embrulhei suas extremidades com papel alumínio e fiz esta escolha considerando as características materiais de preservar a temperatura e constituir assim uma incubadora simbólica, que germina uma relação íntima de conexão e pertencimento. A intimidade aqui gerada, aproxima-me internamente ao pampa através da corticeira-do-banhado, como um rito de passagem, que religa o humano à natureza, a qual inclinar a cabeça para a árvore, numa postura de reverência, se traduz por respeito. Assim, o título *Embanhado*, onde o prefixo *em*

é utilizado por seu significado de “movimento para dentro”, evoca essa condição de adentrar no âmago do pampa, ser observado por suas características, interiorizar o ambiente úmido do banhado, tornando-me íntimo dele. E, a partir desse “arco”, visto como um acidente na planície, marco isolado, um longínquo referencial diante da vastidão, se compreende uma paisagem monótona, íntegra, sublime, que torna-me parte do seu vasto horizonte externo, da imensidão *pampeira*.



Figura 1. Patrezi Silva, *Embanhado*, 2022. Fotoperformance.

Confrontada por questões semelhantes às de *Embanhado*, Paula Krause realiza *Inerte* (Figura 2), um trabalho no qual a artista, em uma fazenda na região central do Rio Grande do Sul, também se encontra com uma árvore, agora de espécie não identificada. Em seus escritos sobre a obra, fica evidente seu espanto ao deparar-se com a vastidão do pampa e é este estarrecimento que faz seu sentimento inicial ser de torpor. Nessa observação, Krause menciona que não poderia:

“deixar de pensar [...] na inércia da paisagem, ou na inércia em que entrei ao me deparar com esta paisagem. O que quer que eu fizesse, o que quer que eu pensasse, não poderia estar desligada daquela situação: estou aqui, no meio de uma extensão imensa de terra, imersa em uma sensação de que o tempo passa muito mais devagar. Qualquer atividade seria... passiva.” (Krause in Severo, 2008, p. 50)

Nesse sentido, ela reconhece a condução da vastidão do pampa em sua “auto-experiência” e introjeta sua relação, permitindo-se ficar inerte para tornar-se íntima de seu entorno. E é na intimidade que Krause joga o pampa para dentro de si, num ato internalizador. A paisagem externa lhe oferece uma árvore para se abrigar, se recolocar, e em meio a tronco e galhos ela cria uma simbiose com o meio, imóvel, apenas deixando cair “às vontades de transformação que a ação artística parece prometer [...]” (Krause in Severo, *idem*). Seu semblante de concentração distingue um repouso ativo, que se atenta às imagens reveladas pela paisagem. O movimento, nessa condição, se faz inútil, mesmo que se justifique “pela inércia das imagens, dos lugares vazios que pedem um preenchimento, do repouso que supõe movimento ou mais repouso ainda...” (*idem*). Sua postura assemelha-se aos sujeitos que meditam, que em contemplação se recolhem para deixar a ilusão se perder, como quando deixamos a cerração baixar para vermos mais claramente. Nesse rito, *Inerte* conduz a presença do pampa com o mesmo respeito que foi dado à corticeira-do-banhado em meu trabalho. Na “apatia” descrita pela artista tudo se revela mais frio, sendo esta uma frieza que aguça “os sentidos, estimulando a concentração, o recolhimento, o intimismo” (Ramil, 2004, p. 22-23), ampliando o interior e condensando o externo num sem tempo esclarecedor. O vasto e o íntimo se

mesclam nesse pampa que permanece constante diante de Krause, e ela inerte, o contempla.



Figura 2. Paula Krause, *Inerte*, 2008. Fotoperformance.

#### 4. CONCLUSÕES

É assim que o pampa molda nossas criações poéticas, determinando nossos comportamentos quando nos colocamos diante de seu horizonte. Entendo que os trabalhos artísticos aqui analisados demonstram as peculiaridades vivenciadas pelos artistas na relação com este bioma, englobando tanto aspectos geográficos daquele que observa, num deslumbre da imensidão paisagística *pampeana*, como na introspecção daquele que é observado, num voltar-se para si, deixando o pampa fazer-se brotar em nosso corpo. Assim, pressupostos físicos, simbólicos e imaginários se mesclam na identidade daquele que vivencia integralmente as pradarias frias dos gaúchos, refletindo na produção artística. O vasto e o íntimo, como elementos constituintes desse bioma, se fazem pertinentes para situar um horizonte poético *pampeano*, enriquecendo sugestões formais e conceituais na produção de arte.

As obras apresentadas geram questionamentos a respeito do que somos diante das imensuráveis pastagens, unidos ou carregados pelo tronco de uma árvore *pampeira*. O pampa segue seu fluxo e talvez tenha sempre nos escapado<sup>3</sup>, como citou Ramil em um poema de Adolfo Bioy Casares, porém, na produção poética podemos cogitar encontrá-lo, seja ao longe na vastidão externa, no íntimo de nossa percepção interna, ou quando juntamos essas duas condições - a que considero mais efetiva.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. O Sul. in: **Ficções**. São Paulo: Globo, 1999. p.89-93.

RAMIL, Vitor. **A estética do frio**: conferência de Genebra. Porto Alegre: Satolep, 2004.

SEVERO, André. **Lomba Alta**: Programa de residência. 1. ed. Porto Alegre, 2008.

<sup>3</sup> “[...] la pampa, como el agua celeste de los espejismos del camino, siempre nos eludía [...]” (Casares in Ramil, 2004, p. 20)